

# Capítulo I

*Inglaterra e Escócia, março de 1296*

— Não! — gritou Victoria Blackstone, correndo do movimentado pátio para o interior da mansão. Sem se importar com o que os outros poderiam pensar, lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela subia às pressas a escadaria de pedra até os aposentos da família. — Não vou fazer isso. Ele não pode me forçar!

Ela disparou pelo corredor longo e escuro até o quarto de sua avó, abriu a pesada porta de madeira e espiou pela fresta.

— Vovó, posso falar com a senhora?

— Claro, minha criança — foi a resposta frágil e trêmula. — Você é sempre bem-vinda. Em que você precisa da ajuda de sua velha avó?

Victoria ficou ali, imóvel e silenciosa, olhando para as tapeçarias de tonalidades ricas que enfeitavam as paredes do aposento. Elas se misturavam a tudo o que o avô trouxera para casa de suas longas viagens. Sua avó guardava com carinho cada presente que mantivesse viva a lembrança dele.

— Venha aqui, menina — chamou a avó, indicando sua cama. — Por que você está tão triste?

Victoria subiu os três degraus para poder se sentar ao lado da avó. Travesseiros fofos, de um vivo escarlate, repousavam contra a cabeceira. Por se cansar com facilidade, sua avó raramente deixava o quarto agora, mas Victoria a julgava a própria imagem da velhice adorável. Olhando para seus pálidos olhos azuis, a jovem segurou a mão frágil e desgastada entre as suas.

— Vovó, papai me contou ontem que ele prometeu minha mão a lordes Bothington! Hoje ele me disse que eu devo me casar com aquele velho desprezível no próximo sábado.

Ela falhou em seus esforços para conter as lágrimas, que caíram livremente pelo rosto.

As elegantes sobranceiras prateadas da avó se levantaram no que só podia ser interpretado como desprezo.

— Não! — gemeu Abigail Blackstone, estremeando. — Não Percival. Seu avô não confiava nele. Ele é degenerado. Suas esposas...

Ela se calou, parecendo incerta quanto ao que deveria dizer.

— Você já conversou com seu pai, querida? — Olhando para o rosto manchado de lágrimas de Victoria, sua expressão se suavizou. — Claro, ele não lhe deu atenção. Ele pode ser muito teimoso às vezes. É um defeito sério.

Apesar de ser seu único filho, lady Blackstone já não tentava arranjar desculpas para a crueldade dele. Havia desistido disso anos atrás.

Victoria anuiu.

— Eu fui até o jardim das rosas. Papai me seguiu e nós discutimos. Ele se recusou a me ouvir.

O pai dela entrou de supetão no quarto, lançando um olhar de desagrado na direção de Victoria.

— Foi o que eu pensei — começou ele. — Eu sabia que você iria correr para sua avó. Ela faz todas as suas vontades.

No pescoço de Gerald Blackstone, um homem alto, de peito amplo, com cabelos pretos e olhos castanhos, uma veia pulsava com força, e acelerava cada vez mais conforme sua raiva se acumulava.

Pelo olhar de ódio, Victoria pôde ler a mente do pai. Aquela expressão indicava claramente que ela o desafiara pela última vez. Ele a casaria com Bothington e se livraria da filha de uma vez por todas.

— Deus deve me odiar para me dar uma filha inútil no lugar do filho que eu tanto queria!

Blackstone se aproximou, agarrou Victoria pelo braço e a arrastou da cama alta. No instante em que olhou para o rosto dela, Victoria soube que estava encrencada. Ele sempre lhe dissera que choro era uma característica feminina que ele odiava. Praguejando, ele deu-lhe um tapa com as costas da mão. Seu anel rasgou-lhe a pele, e Victoria sentiu gosto de sangue no lábio inferior.

Uma onda gelada de medo a atingiu.

— Gerald, não! — gritou a avó. — Largue a menina!

Blackstone lançou à mãe um olhar de desdém.

— Fique fora disso. A senhora não tem direito a dizer nada.

Victoria enxugou o sangue, e ele prosseguiu:

— Vou ganhar muitas terras pelo seu casamento, mocinha, e não tenho nenhuma intenção de abrir mão delas por causa dos seus caprichos. A aliança também será boa para o nosso rei, por isso ele a aprova.

Ele a empurrou de volta à cama da avó.

— Você tem sido a cruz da minha existência sua vida toda, e está na hora de eu me beneficiar por ter sido obrigado a suportar sua presença.

— Gerald! — gemeu a mãe dele. — Já basta!

Blackstone encarou ambas com ódio indisfarçável. Ignorando o apelo da mãe, ele alertou:

— Não pense em me desobedecer nisso, ou vai se arrepender! Você se casará com Percival na data estabelecida, e está combinado para que você o encontre após a refeição do meio-dia de amanhã para aceitar sua generosa oferta. — Ele apertou o rosto de Victoria entre os dedos, trazendo-o para perto do seu

e machucando-a com o aperto cruel. — Lembre-se, garota, nenhum homem decente vai fazer uma oferta pela sua mão. Eu me certifiquei disso.

Ele voltou-se para sair do quarto. Ao chegar à porta, repetiu:

— Depois do almoço, garota, ou as surras que lhe dei no passado vão parecer carícias suaves em comparação com as que a esperam no futuro.

Blackstone bateu a porta com estrondo ao sair.

A avó de Victoria abriu os braços e apertou-a com força quando a moça mergulhou no abraço.

Lágrimas rolavam pelo seu rosto quanto ela pousou a cabeça no ombro magro da avó e soluçou.

— Eu não vou fazer isso, vovó. Ah, se ao menos eu pudesse estar em outro lugar... Qualquer lugar.

Victoria se levantou e andou de um lado para o outro, inalando o suave aroma floral que impregnava o quarto da avó.

— Vovó, eu tenho de ir embora. A senhora não entende? Eu tenho que ir para o sul, para o interior da Inglaterra. Não posso ficar onde existe tanto ódio, nem posso me casar com Bothington. Ele vai me espancar, vovó. — Incapaz de esconder sua angústia, Victoria voltou para junto da cama e caiu de joelhos. — Dizem que ele surrou suas primeiras duas esposas até a morte.

Quando ela viu o olhar chocado da avó, acrescentou com tristeza:

— Sim, vovó, eu já sabia. A senhora não teria me dito nada que eu já não soubesse. Eu não pensei que pudesse existir ninguém pior que papai, mas Bothington me dá calafrios. Eu odeio tudo o que ele representa.

A moça gentilmente segurou a mão da avó e, com o polegar, afagou a pele translúcida, desejando fazê-la compreender.

Victoria ficou de pé e olhou melancólica pela estreita seteira, observando os galhos movidos pela brisa bater contra a lateral do salão.

— Tory — começou a avó —, você sabe que eu não viverei muito tempo mais.

Victoria balançou a cabeça, negando com veemência, e tentou interromper a velha senhora ao ouvir seu apelido de infância, mas a avó a impediu com um olhar preocupado. A respiração da querida senhora estava fraca e rápida, e sua voz fraquejava.

— Não, criança, você sabe que é verdade. E, para ser sincera, não me assusta a ideia de partir. Seu avô me espera no paraíso, e eu tenho sentido saudade dele todos esses anos.

Victoria lutou contra as lágrimas que ameaçavam rolar. Seu amor pela avó era imenso.

— Eu faria tudo para vê-la feliz, mas não tenho poder nenhum sobre o seu futuro. — Ela balançou a cabeça, triste. — Seu pai é quem faz tais acordos,

independentemente de seus desejos. É uma prerrogativa dele, como de todos os homens. Agora não há mais como conversar ou fugir. Seu pai iria procurá-la, arrastá-la de volta e ser ainda mais brutal do que antes.

— Não... — Victoria suspirou desesperada. — Eu não posso permitir isso! Graças aos atos de papai, não tenho nem sequer a ilusão de que irei encontrar o amor, vovó. Ele tirou todo o resto de mim, mas não vou lhe entregar minha felicidade. Por quê, vovó? Por que eu não posso encontrar o amor? A senhora encontrou.

Victoria fitou os olhos comovidos da avó e mudou de ideia sobre desistir do amor.

— A senhora me disse que tinha um amor especial com o vovô, e que algo assim não aparece sempre. Eu quero isso para mim também, vovó. Quero um amor como o que a senhora e o vovô tiveram. Queria viver em qualquer outro lugar, menos aqui. Com *qualquer* outra pessoa. Eu queria...

— Não diga isso, minha querida. — A avó apertou a mão de Victoria com esforço. — Só Deus sabe o seu destino. Tenha cuidado com o que deseja. Nunca se sabe quando seus desejos serão atendidos, e Deus pode não atendê-los do modo como você espera.

Victoria respirou fundo para se acalmar.

— Descanse, vovó. Não farei nada sem pensar bem nas minhas opções. De verdade. Tudo vai dar certo, a senhora vai ver.

Ela deu um beijo leve no rosto emaciado da anciã. Tomando a frágil mão entre as suas de novo, beijou-a antes de pousá-la sobre a cama.

— Eu não quero perder a senhora, vovó — desabafou, enquanto as lágrimas enchiam seus olhos.

— Isso nunca vai acontecer, meu bem — respondeu a velhinha com ternura, apontando para o peito de Victoria. — Eu estarei sempre em seu coração.

Victoria foi devagar até a porta do quarto e voltou-se uma última vez. Sabia que nunca mais veria a avó.

Percebendo uma expressão preocupada no rosto de lady Blackstone, lembrou-se das palavras perfeitas para sua despedida.

— Eu amo a senhora! — Sufocando as lágrimas, ela correu até a cama para dar um último abraço na avó. Ao interromper o abraço, sussurrou: — Lembre-se sempre disso, vovó.

Grant Drummond entrou intempestivamente no salão nobre e dirigiu-se à mesa de honra. O único pensamento a cruzar sua mente era o de que os malditos ingleses iriam pagar pelo que haviam feito. Mais de mil e setecentas pessoas mortas! Que ultraje!

Ele retornara para casa de imediato, assim que recebera a notícia da morte

do pai. Passando pelos homens de seu clã, Grant pegou uma caneca vazia e encaminhou-se para o barril de cerveja, onde mergulhou a caneca, encheu-a e engoliu o conteúdo de uma vez antes de tornar a baixá-la. Batendo a caneca na mesa, vociferou:

— Angus! Seu filho de uma cadela, onde você está?

Angus, o capitão da guarda do castelo Drummond, tinha o rosto castigado pelo tempo, e seus cabelos vermelhos, antes flamejantes, agora estavam eivados de fios grisalhos, revelando seus mais de quarenta invernos. Ferido em uma batalha anterior, não pudera acompanhar Grant na última escaramuça armada pelo rei Edward.

— Aqui. — Embora ele ainda mancasse devido ao ferimento, caminhou com firmeza até seu novo *chieftain*.

Grant estava cansado. Havia forçado seus homens e cavalos ao limite da resistência.

— Recebi sua mensagem. Diga-me o que aconteceu. Conte-me cada maldito detalhe de como esses filhotes do capeta mataram meu pai!

Angus terminou de cruzar a distância até Grant e deu-lhe tapinhas no ombro, depois serviu-se de cerveja.

— Ah, rapaz, é bom ter você de volta, mas eu sinto muito pelas circunstâncias.

Grant fez um gesto com a cabeça, agradecendo as boas-vindas.

Warwick, um homem grisalho e magro que havia não apenas sido um pai para Grant, mas também seu mentor, pousou a mão sobre o ombro dele em um gesto reconfortante.

— Nós informamos tudo na carta, rapaz. Por que se torturar?

— Porque eu quero marcar os detalhes a ferro e fogo na minha memória antes de me vingar — disse Grant por entre os dentes.

A declaração foi seguida por um silêncio desconfortável, quebrado apenas pelas chamas vermelhas e alaranjadas estalando na lareira.

— Corre o rumor de que o rei Edward parou em Hutton — começou Grant, com sua brusquidão usual. — Como sempre acontece com aquele cão, algo não deve ter lhe caído bem, e por isso ele resolveu matar milhares de pessoas.

Os homens cerraram o cenho, voltando os rostos para Grant. Ele precisava de fatos, não de sentimentos pessoais e desejo de vingança.

— Imaginamos que ele tenha escolhido Berwick por ser o castelo mais importante de nossa fronteira. Edward, aquele traidor desgraçado, montou cerco ao castelo, mas a guarda estava preparada. Eles zombaram de Edward, provocaram-no quanto à sua ascendência e fizeram gestos obscenos. Quando eles o desafiaram a fazer o pior que pudesse, nem imaginavam que ele aceitaria o desafio de modo literal. Ele abandonou o castelo e dirigiu-se ao burgo real, massacrando sem piedade homens, mulheres e crianças.

Grant balançou a cabeça, desanimado.

— Todos os nobres foram mortos, e as mulheres, estupradas, antes de perecerem pelas mãos dos malditos ingleses.

— Edward matou a todos?

A mente de Grant se recusava a aceitar o horror do que estava ouvindo. Seu coração retumbava no peito, e sua raiva crescia enquanto aguardava a resposta. Ele voltou-se para Alexander, e o rapaz retomou o relato.

— Nem todos. Milhares de escoceses morreram, mas não os malditos ingleses, claro. Tudo não passou de dois dias de loucura nos quais eles mataram ou aleijaram todos que cruzassem seu caminho.

— Edward se acha muito bom — rugiu Grant, esmurrando a mesa —, mas ele não é tão bom assim. Como ele sabia quem era escocês?

— Edward havia deixado gente sua morando por ali. — Grant deu outra caneca para Alexander, que tomou um gole para se reanimar. — É óbvio que eles apontaram quais eram as casas que deviam ser poupadas por serem de ingleses.

Com tantos detalhes desagradáveis, Grant ainda assim não conseguia se forçar a aceitar os fatos.

— E papai foi para essa maldita cidade? *Por quê?* Não faz sentido nenhum. Por que ir até a fronteira?

Ele sabia que iria doer ouvir os fatos relacionados à morte do pai. Só não percebera o quanto doeria. As palavras plantavam o desalento em seu coração, e Grant deixou sua mente vagar. O grande *chieftain* do clã Drummond, morto! Seu pai, Malcolm, fora um grande guerreiro e um homem justo e honesto. Aquilo simplesmente tinha de ser um engano. Talvez, se ele orasse com fervor suficiente, um milagre acontecesse e seu pai entrasse andando pela porta.

Grant sabia que se parecia com o pai, com cabelos pretos, ombros largos e uma covinha no queixo. A única diferença era que seu pai tinha os olhos escuros, enquanto todos diziam a Grant que os dele eram da cor dos da mãe: cinzentos como o céu nublado.

Ele despertou de seu devaneio quando Angus voltou a falar.

— Um mensageiro trouxe uma carta para *laird* Malcolm. Ele não nos confiou o conteúdo, mas nos asseverou de que contaria tudo assim que os acordos estivessem concluídos. Nós o acompanhamos, veja bem, mas ele insistiu em fazer tudo a seu próprio modo. Você sabe como ele podia ser teimoso quando colocava uma coisa na cabeça. Ele pensou que ficaria longe por apenas uma quinzena.

— O que houve? — As mãos de Grant estavam fechadas com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Ele os caçou até encontrar, Grant — respondeu o membro do clã, estremeando ao se lembrar, os olhos verdes mostrando todo o seu cansaço.

— Depois de ver o massacre na cidade, o capitão de Berwick achou inútil resistir, por isso se rendeu. Ele sabia que as muralhas de terra e madeira do castelo seriam facilmente superadas.

Angus fez uma pausa quando uma serva de seios fartos veio da cozinha com porco assado e mais cerveja. Enquanto o succulento aroma enchia o salão, Grant observou seus homens cansados e famintos se servir e sentar-se às mesas.

Alexander cuspiu no piso.

— Edward queria acabar com nossos sonhos de independência, mas isso nunca vai acontecer. — Ele ergueu a caneca para Grant em um brinde. — Eu bebo aos bravos homens que morreram em Berwick.

Grant tomou um longo gole de cerveja. Virando a caneca, ele tomou tudo o que havia ali, sem parar para respirar. Olhou ansioso para Alexander, depois gesticulou, impaciente, para que ele prosseguisse.

— Isso é tudo o que sabemos. Depois do massacre, havia ondas de fumaça e cheiro de morte por toda parte. — O jovem olhou para Grant, pensativamente. — Você sabe como estamos tristes pelo seu pai.

— Ah, sim — disse Grant com a voz entrecortada, passando a mão pelo cabelo. — Papai sempre foi um bom homem e um bom *chieftain*. Eu não creio que possa fazer tudo o que ele fez.

Ele deu as costas para os homens para recuperar o controle, determinado a permanecer mestre de suas emoções. E acrescentou, falando de forma pausada:

— Sentirei saudades, mas ele vai permanecer em minha memória para sempre.

Warwick o abordou com expressão preocupada, espelhando o que se passava na mente de todos os outros.

— Não temos dúvida de que você será um bom *chieftain*. Você tem as qualidades do seu pai. — O olhar dele passou pelos homens ali reunidos. — Você sabe que tem nossa lealdade.

Grant não respondeu de imediato. Em vez disso, olhou para um amplo retrato de seus pais pendurado na parede de pedra cinza atrás da plataforma de madeira da mesa principal. A semelhança era tão grande, tão real, que ele quase sentiu a presença de ambos. Lembrou-se, com carinho, de como o pai odiara posar para aquele retrato, mas a mãe insistira até que ele não pudesse mais resistir. Embora fosse um homem grande e corpulento, todos sabiam que sua esposa miudinha o levava na palma da mão. O rosto dele havia se fechado em uma carranca. “Não é uma atitude viril ficar sentado para alguém dessa forma. Nós sabemos o que ele realmente é, e eu não quero um maldito pederasta no meu castelo!” Como sempre, a mãe de Grant vencera, e ele apreciava a presença de ambos em seu salão, uma das poucas posses que ainda lhe restavam dos dois.

Grant se voltou quando ouviu alguém fazendo uma pergunta. Ian estava

encostado na parede de pedra.

— O que você quer fazer, Grant? Voltar para Berwick? — Olhos preocupados o observavam com atenção.

Com as mãos cerradas ao lado do corpo, as pernas separadas, pronto para a luta e com uma expressão selvagem no rosto, Grant não deixava dúvidas de que aquela seria uma longa noite.

— Ah, sim — grunhiu ele. Ajeitando-se ao longo da comprida mesa de madeira, os homens esperaram que Grant se juntasse a eles. — Vamos pagar na mesma moeda. Deixem que eles voltem para sua maldita cidade, e dessa vez, *nós* vamos dar a eles um gostinho do que fizeram conosco. Eles vão desejar nunca ter nascido! Edward e seus malditos ingleses vão pagar pelo que fizeram a meu pai.

Seu corpo tremia de raiva contida.